
VISÕES DO URBANO: A CRÔNICA COMO FONTE DE SABER HISTÓRICO

Gervácio Batista Aranha*

O objetivo deste trabalho é demonstrar que a crônica semanal publicada nos jornais, lida por uma multidão de leitores, numa época em que a imprensa não tinha concorrência como veículo de comunicação de massa, constitui uma fonte cada vez mais recorrente por parte de historiadores preocupados com a emergência do urbano entre os séculos XIX e XX, em especial no que se refere ao modo como os atores sociais produziram, sentiram e representaram a vida cotidiana cidadina. Desse ponto de vista, como será demonstrado, é praticamente impossível focalizar o cotidiano de inúmeras cidades pelo mundo afora, no período estudado, sem passar pelos cronistas locais. Daí a identificação de muitas delas com seus respectivos cronistas: a Londres de Dickens, o Rio de Assis, Bilac ou Lima Barreto, o Recife de Mario Sette, dentre outras.

Trata-se de refletir sobre a crônica como uma espécie de sonda por excelência para a compreensão da vida cotidiana, em especial do cotidiano nas cidades, em que o cronista passeia pela cidade à cata de fatos, os mais corriqueiros possíveis - em que nada escapa aos olhos curiosos desse eterno flâneur, o qual percebe desde os populares que circulam nas ruas, becos ou avenidas, mendigos, vagabundos ou prostitutas incluídos, até as últimas transformações da paisagem urbana ou novidades da técnica recém chegadas do estrangeiro, dentre outros aspectos por ele observados -, para que, a partir dessa matéria-prima do dia a dia, possa executar sua vocação literária; possa transformar, por meio de recursos literários, fatos brutos do cotidiano em temas de leitura agradável.

Assim é que a crônica, a despeito de ter sido considerada, durante muito tempo, um gênero literário menor, tem merecido hoje a devida atenção por parte da crítica. Nos termos de Antônio Cândido não há que esperar uma “literatura feita de grandes cronistas”. Ademais, tampouco se “pensaria em atribuir um prêmio Nobel a um cronista”. Entretanto, o crítico reconhece que, na crônica, “tudo é vida, tudo é motivo de experiência e reflexão, ou simplesmente de divertimento, de esquecimento momentâneo de nós mesmos a troco do sonho ou da piada que nos transporta ao mundo imaginário.

* O autor é doutor em história pela UNICAMP e professor da UFCG

Para voltarmos mais maduros à vida, conforme o sábio”. E tudo porque “a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas (...)”, não necessitando, para tal, de nenhum “cenário excelso”, já que a perspectiva do cronista “não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés do chão”.¹

Nos termos de Cândido, mesmo sendo um gênero sem grandes adjetivações, livre de vãos grandiloqüentes, a crônica “pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas”. Com isto, é de opinião que a crônica pode dizer coisas sérias sobre inúmeros aspectos da vida: na apresentação de uma simples conversa fiada, na descrição de uma manifestação alegre, no desenho de um tipo humano, dentre outros. Não é à toa que o crítico, no exato momento em que fala que a crônica parece mesmo um “gênero menor”, sai-se com essa: “‘Graças a Deus’ – seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós”.²

Neste sentido, alguns não compreenderam a mensagem de Cândido. É o caso dos organizadores de *História em cousas miúdas*, uma coletânea de textos produzidos, em sua maioria, por historiadores sociais da cultura da UNICAMP.³ Não compreenderam, por exemplo, que o crítico, ao se referir à crônica como um “gênero menor”, não é para desqualificá-la literariamente e sim para valorizá-la. Inúmeros trechos no texto de Cândido, afora os que foram citados ou parafrazeados acima, indicam que essa valorização do gênero. Até porque, sendo “amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais simples e também nas suas formas mais fantásticas”, ainda que tenha nascido despreziosa e sem a pretensão de durar, a crônica, em íntimo convívio com a palavra, cada vez mais leve, cada vez mais poética, já não condiz com o viés argumentativo da crítica política dos primeiros tempos no Brasil, quando de seu surgimento com a série “Ao correr da pena”, de José de Alencar (anos 1850), haja vista que aos poucos foi assumindo a sua fórmula moderna, onde três ingredientes se revelam indispensáveis: fatos miúdos, toques de humor e seu quantum de poesia.⁴

¹ Cf. CÂNDIDO, Antônio. “A vida ao rés-do-chão”. In CÂNDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, pp. 14 e 20.

² Cf. idem, pp. 13-14 e 20.

³ CHALHOUB, Sidney, Neves, Margarida de Souza e Pereira, Leornado Affonso de Miranda (orgs.). “Apresentação”. In *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005, p. 10.

⁴ Cf. CÂNDIDO, Antônio. “A vida ao rés-do-chão”. Op. Cit., pp. 14-15.

Porém, mesmo que, em razões do exposto, os autores mencionados não tenham lido Cândido corretamente, parecem estar cobertos de razão ao chamarem a atenção, independente do crítico que lhes serviu de ponto de partida, para o fato de que o gênero literário em questão levou um tempo para merecer a devida atenção e reconhecimento hoje na ordem do dia. A caracterização feita pelos autores sobre a origem da crônica, isto no Brasil, os temas por elas enfocados e a maneira como era construída sua composição narrativa, é indicativa do pouco caso para com o gênero nos primeiros tempos. Primeiro, as crônicas teriam surgido ao acaso ou da espontaneidade de uma conversa, sendo a leveza uma de suas primeiras características; segundo, elas tomavam os pequenos acontecimentos como sua matéria-prima privilegiada, os quais, estreitamente vinculados aos assuntos diários, davam ao gênero que nascia um caráter efêmero, sem maiores pretensões em termos de perenidade. Surgidas com tais características, isto teria levado Machado a afirmar, anos depois, que as crônicas focalizam especialmente coisas que não contêm sangue ou lágrimas, conquanto doces e leves. Ora, de acordo com os autores parafraseados, foram definições como essa que teriam levado a crônica a transformar-se numa “espécie de filha bastarda da arte literária”.⁵

Porém, como esclarecem os autores em questão, a crônica não é tão simples como supunham as definições que insistiam que sua razão de ser eram o imprevisto e a pressa. Já Alencar teria chamado a atenção para sua complexidade, alertando para certas pretensões escondidas por trás do tom supostamente despretenso de sua composição narrativa. Algo parecido com o que ele percebera nas Cartas de Horário, as quais lançavam mão de reflexões filosóficas ou morais para o tratamento dos mais variados assuntos. Também Machado de Assis, que indo muito além daquela frase inicial, segundo a qual sangue e lágrimas não eram assuntos para cronistas, teria expressado, a respeito, um ponto de vista bem mais complexo, conquanto “caberia ao cronista interagir com as coisas do seu mundo, meter-se onde não era chamado para transformar o que via e vivia”.⁶

O fato é que, na esteira de Alencar e Machado, foram muitos os cronistas urbanos que contribuíram para a consolidação do gênero no Brasil, consolidação

⁵ CHALHOUB, Sidney, Neves, Margarida de Souza e, Pereira, Leonardo Affonso de Miranda (orgs.). “Apresentação”. Op. Cit., p. 09.

⁶ Idem, pp. 11-12.

possibilitada por toda uma parte da crítica que, atribuindo-lhe méritos literários, mas sem deixar de reconhecer seu vínculo profundo e compromisso com as coisas de seu próprio tempo, contribuiu para que hoje não parem dúvidas sobre a importância que ocupa no corpus da literatura brasileira entre os séculos XIX e XX.

Em se tratando do diálogo da história com a literatura, no tocante aos usos da crônica como documento histórico, creio que certa sugestão feita por Olavo Bilic, em 1897, se encaixa como uma luva para os historiadores interessados em explorar vidas passadas valendo-se da produção cronística. Conforme explica Billac, as crônicas, mesmo não derrubando instituições ou não fazendo prevalecer a justiça; mesmo não contribuindo para a regeneração ou depravação dos homens; mesmo sendo lidas e esquecidas logo depois, prestando-se tão-somente para preencher cinco minutos da vida monótona de todos os dias, ainda assim cultivam a esperança de que sua leitura contemple algo mais que um rápido entretenimento.⁷ Daí a interrogação do cronista: “Mas, quem sabe? Talvez muito tarde, um investigador curioso, remexendo esta poeira tênue da história, venha achar dentro dela alguma coisa...”⁸ Ora, não é preciso muita perspicácia para perceber que Olavo Bilic, ao contrário do que deixa transparecer, espera muito da crônica, conquanto estava convicto de que tinha muito a oferecer para além daqueles supostos cinco minutos de entretenimento, ainda que o devido valor da crônica só se revelasse no futuro. O que dizer? Apenas que os historiadores de hoje agradecem o legado.

Assim considerada, ela torna-se um dos principais canais para os historiadores que se debruçam sobre o cotidiano dos atores sociais pesquisados, em particular no que diz respeito à visão dos cronistas sobre o interior das sociedades a partir das quais falavam e nas quais vivenciavam suas respectivas experiências profissionais, afetivas etc. Nesse sentido, a crônica, ao registrar instantâneos da vida cotidiana, não se constitui enquanto texto meramente descritivo sobre um acontecimento dado ou enquanto espelho fiel do real vivido. Ora, se a crônica se oferecesse como mera descrição de acontecimentos do cotidiano é provável que o cronista não despertasse a atenção de muitos de seus contemporâneos; é provável que sequer que esse gênero literário tivesse se instituído com tanta força no século XIX. Assim, tudo leva a crer que a crônica não

⁷ Cf. *Idem*, p. 18.

⁸ Citado em CHALHOU, Sidney, Neves, Margarida de Souza e, Pereira, Leonardo Affonso de Miranda (orgs.). “Apresentação”. *Idem*.

seria grande coisa se fosse desprovida de seu aspecto literário ou poético. Todavia, mesmo que tivesse se mantido como um gênero puramente descritivo, ainda assim poderia ser bastante útil aos historiadores no futuro, muitos dos quais, ao tomarem textos literários como documentos, se preocupam menos com questões de estética e/ou de composição poética e mais com possíveis imagens capazes de iluminar de alguma forma o passado estudado.

São inúmeros os indícios, pelo mundo afora, para a afirmação da crônica como um gênero literário eminentemente urbano. A começar por Charles Dickens, uma espécie de mestre do gênero, o qual traçou em *Retratos londrinos* - um conjunto de crônicas publicadas na imprensa e reunidas em livro em meados dos anos 1830 -, antes de se notabilizar como grande romancista, um amplo painel da vida londrina. Em Dickens, por exemplo, poderíamos dizer que a arte imita a vida muito proximamente. É que, tendo vivido, já a partir do 12 anos, toda uma vida de privações, isto na Londres dos anos 1920, esta condição reverbera em sua produção literária, razão pela qual, já nesses textos de juventude, dirige um olhar sobre a vida miserável em Londres em toda sua extensão, a ponto de se poder afirmar que “havia nesse olhar um quê de solidariedade, por um lado, e de acusação social, por outro”.⁹

Porém, enganam-se os que pensam que os textos de Dickens - em que pese sua intenção de produzir uma escrita engajada, em que salta aos olhos certo viés realista, embora o próprio Dickens não se considerasse filiado ao realismo - se oferecem como pura descrição da realidade. Ocorre já nesses textos de juventude, “uma bela simbiose entre jornalismo e ficção”, isto é, aquilo que, na origem, era estritamente factual, ganhava ingredientes ficcionais na pena do escritor.¹⁰

Em se tratando do Brasil, então, esse vínculo com o urbano é bem visível. Beatriz Resende esclarece: “Que a crônica é modalidade de literatura urbana, não resta dúvida, mas no caso brasileiro há esta particularidade: é no Rio de Janeiro que o gênero nasceu, cresceu, se fixou”.¹¹ É isto mesmo, embora não devemos esquecer que em todo

⁹ Cf. ROLLEMBERG, Marcello. “Um caso de jornalismo fantástico”. In DICKENS, Charles. *Retratos londrinos*. Tradução de Marcello Rollemberg. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 10.

¹⁰ Cf. Idem, pp. 8-9 e 11-12.

¹¹ Citado em DANNER, Mário Fernandes Passos. “Graciliano Ramos e a crônica: uma vida em três séries”. In CHALHOUB, Sidney, Neves Margarida de Sousa e Pereira, Affonso Leonardo de Miranda (orgs.). Op. Cit., 265.

o Brasil existiram cronistas urbanos. São Paulo, Recife, Maceió tiveram os seus, informação extensiva a muitas outras cidades brasileiras.

Detendo-se basicamente na crônica carioca de fins do século XIX, com destaque Machado de Assis cronista, certa autora assume um viés interpretativo, a respeito da crônica, com o qual tendo a concordar. Em certo trecho, falando de um passeio do cronista Machado por “bairros excêntricos”, que teria ido ali “matar o tempo”, essa autora mostra que o cronista volta desse passeio “com uma coleção de modelos para exibir na vitrine que é a sua coluna de jornal”. Todavia, as imagens que ele colhe do cotidiano em um simples passeio matinal, para exibi-las no dia seguinte em sua crônica diária, não retornam ao cotidiano sem qualquer mediação de sua parte. Ao contrário, pois já no caminho de volta o cronista vai “ruminando” cada uma dessas imagens, as quais “retornam e reduplicam na metalinguagem que vai decompondo-as, e distribuindo-as em sistemas significativos”.¹²

E foram muitas as crônicas elaboradas por Machado de Assis focalizando o Rio de Janeiro do seu tempo. Afinal, foram mais de quatro décadas de incursões no cotidiano da cidade por meio do gênero literário que então nascia. Do final dos anos 1850 ao início do século XX, muitos leitores puderam acompanhar, em vários jornais cariocas, as crônicas diárias desse arguto observador da vida local, nas quais, sem jamais abandonar “esse magnífico amálgama de ceticismo e humor que lhe é característico”, deixou impressa sua visão do tempo então vivido.¹³

Olavo Bilac, que em 1904 substituiu Machado de Assis no jornal carioca Gazeta de Notícias foi outro cronista urbano em sintonia com o que ocorria à sua volta, na passagem para o século XX. Sensível às mudanças que então ocorriam na Capital Federal revelou-se, por meio das crônicas, tanto um arguto observador quanto um entusiasta dessas mudanças, a exemplo do tom grandiloquente, apologético, com que saúda o projeto de construção da Avenida Central, um dos emblemas do propalado progresso que estaria a marcar a paisagem do Rio de Janeiro à época.¹⁴ Mas não só a Avenida Central. O mesmo tom grandiloquente é visível ao focalizar a instituição de

¹² Cf. CARDOSO, Marília Rothier. “Moda da crônica: frívola e cruel”. In CÂNDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Op. Cit., p. 140.

¹³ NEVES, Margarida de Souza. “Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas”. In Cândido, Antônio et al. *Idem.*, p. 81.

¹⁴ Cf. *Idem.*, p. 86.

certas práticas de higiene ou a emergência do cinematógrafo, dentre outros temas da chamada belle époque carioca.

Já Paulo Barreto (mais conhecido como João do Rio), cronista carioca das duas primeiras décadas do século XX, percebia a cidade com olhares que enxergavam mais longe que Bilac, embora marcados por certa contradição: de um lado, não perdia de vista aspectos de uma cidade com pretensões à vida civilizada, a exemplo da crônica “A era do automóvel”, na qual demonstra seu impacto do automóvel na cidade do Rio de Janeiro, sendo sintomático o fato de que é justamente essa crônica que encabeça a coletânea publicada em 1911, não por acaso, com o título de *Vida vertiginosa*;¹⁵ de outro, torcia o nariz a esse mesmo progresso, como se depreende da leitura de certo trecho da crônica “O velho mercado”, em que o cronista lamenta claramente que a emergência do moderno esteja a destruir as tradições há tanto tempo ali arraigadas;¹⁶ e que o surgimento do novo Rio de Janeiro, que se espelha em Paris, se despoje do Rio antigo com tamanha indiferença.

Trata-se de demonstrar que Paulo Barreto, em que pese toda a ênfase com que declarava amar a rua, conquanto portadora, segundo ele, de uma “alma encantadora”, declarava também que “Rua é cobra. Tem veneno”, significando, com isto, que ao mesmo que ela atrai, expulsa.¹⁷ Ocorre que nada escapava ao olhar atento do cronista, retratando aspectos da vida carioca que depunham contra os que só tinham olhos para sua capacidade de modernizar-se. Assim, o cronista também retrata os populares, que invadindo ruas e becos, são igualmente produtores do modo de ser urbano.

Mas sem dúvida tivemos contribuições marcantes fora do circuito carioca. A título de exemplo, chamo atenção para o caso do Recife. Qualquer estudo sobre aspectos da modernidade urbana na capital pernambucana, na transição do século XIX para o XX, deixa a desejar se não levar em conta as “Crônicas do Recife Antigo”, da autoria de Mário Sette. Nelas o autor, na qualidade de arguto observador do período, rememora, anos depois, os acontecimentos ali narrados, muitos dos quais conheceu de perto. Com isto, essas crônicas também se configuram enquanto memórias. Mas é interessante observar que a narrativa, mesmo elaborada anos depois dos fatos

¹⁵ Cf. Idem, pp. 87-88.

¹⁶ Citado em NEVES, Margarida de Souza. Idem, p. 88.

¹⁷ Cf. ANTELO, Raul. “Introdução”. In Rio, João do. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 15.

focalizados, assume sim o caráter de crônica, como se os vários flagrantes do cotidiano, ali recuperados, tivessem sido narrados no calor da hora, isto é, no exato momento em que o autor os presencia. É que ele se transporta para o tempo do acontecimento e narra de lá - algo parecido com a rememoração levada a efeito pelo narrador proustiano -, como se não tivesse a redigir em outro tempo e lugar. Em algumas dessas crônicas, vai além, transportando-se para uma época em que ele próprio não havia nascido. No conjunto, temos um rico painel imagético sobre a vida cotidiana recifense, com destaque para as novas sensibilidades decorrentes do enredamento local com os principais signos da então vida moderna. São crônicas que tratam, por exemplo, da emergência da vida pública noturna (com as temporadas de teatro e/ou cinema), dos novos meios de transportes sobre trilhos (bonde a burro, trens urbanos, bonde elétrico), dos novos meios de comunicação à distância através de redes de fiação (telégrafo e telefone), de certos equipamentos do conforto (iluminação a gás e/ou elétrica) etc.¹⁸

Temos, na crônica, todo um acervo de imagens recortadas do cotidiano e que são significadas ao correr da pena. Mas essa significação, que fique bem claro, não implica em um corte com o referente da linguagem; não implica que a crônica se ofereça como uma metalinguagem separada do mundo que a gerou. É que ela se constitui enquanto um texto que traduz a inserção de seu autor no mundo em que viveu, tendo absorvido, tanto quanto seus contemporâneos, os valores e a cultura da época, tendo ainda participado de suas angústias, seus dramas, suas esperanças. Assim, a crônica, como qualquer outro gênero literário, pressupõe um processo de elaboração que, mesmo marcado pela idéia de criação literária, onde se sobressai o olhar do criador, se dá enquanto representação do mundo social e histórico em que o mesmo está inserido. Ora, o fato de cenas da vida cotidiana, mediadas pela crônica, retornarem ao seu lugar de origem - retorno tornado possível no vasto espaço que este último detinha na imprensa -, faz com que possamos considerá-lo um dos produtores da cidade que tem muito a dizer ao pesquisador futuro.

¹⁸ Ver, a respeito, “Seduções do moderno na Parahyba do Norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1925)”, no qual dialogo com várias dessas crônicas, chamando a atenção, especialmente, para as novas sensibilidades a que fiz alusão no texto. In AGRA do Ó, Alarcon et alii. *A Paraíba no Império e na República: estudos de história social e cultural*. 2 ed. – João Pessoa: Editora Ideia, 2005.

Até porque, no exato momento de sua publicação, havia um público pronto para consumi-la, que não passava sem sua crônica diária. Basta considerar que a repercussão da crônica na vida cotidiana, em fins do século XIX, condição extensiva às primeiras décadas do século XX, pode ser traduzida e sintetizada na metáfora: “Uma crônica é como uma bala. Doce, alegre, dissolve-se rápido. Mas açúcar vicia, dizem. Crônica vem de Cronos, Deus devorador. Nada lhe escapa. Quando se busca a bala, resta, quando muito, o papel no chão descartado. A crônica-bala (...) traz prazer, talvez perigoso. Ao desembulhá-la - Pum! -, um estalo. Cronos é implacável. Até a gula acaba devorada”.¹⁹

Em razão do exposto, parece fora de dúvida que essas reflexões em torno da crônica e de sua importância para os que estudam cidades, em seu vínculo com o moderno, são extensivas a toda experiência urbana que tenha tido seu cronista ou os seus cronistas em determinado período de tempo.

Mas não deixemos lugar à dúvida: a recorrência aos cronistas urbanos é relativamente tranqüila por parte dos historiadores sociais e/ou culturais que adotam, sem grandes interrogações, a perspectiva da representação, aqui entendida não como mimesis com o sentido de cópia ou imitação da realidade, mas como representação que produz sentidos, no tempo presente, sobre um referente passado que teve existência efetiva e que hoje já não existe. Trata-se, por assim dizer, de uma noção de representação que não abandona de todo a perspectiva da mimesis, haja vista não perder de vista o referente último da linguagem. Porém, uma mimesis que não é incompatível com a idéia de criação²⁰, haja vista, dentre outros fatores, as injunções próprias do tempo do historiador, o qual é dotado de cultura histórica peculiar ao seu próprio presente; o qual se debruça sobre as fontes disponíveis com perguntas que não estavam na ordem dia nas gerações anteriores.

Com isto, felizes são os historiadores que se debruçam sobre problemáticas urbanas entre os séculos XIX e XX, em especial no tocante à apreensão das chamadas sensibilidades modernas, que se deparam, ao recortarem um tema de

¹⁹ Cf. CARDOSO, Marília Rothier. “Moda da crônica: frívola e cruel”. In CÂNDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Op. Cit., p. 142.

²⁰ Para entender essa noção de uma mimesis que nada tem a ver com o sentido de cópia ou imitação, consultar os seguintes críticos literários: LIMA, Luiz Costa. *Mimesis: um desafio ao pensamento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000; COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. 2 ed. - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

estudo nessa área da pesquisa histórica, com o olhar de um ou vários cronistas urbanos. Portanto, feliz é o historiador da vida urbana cuja cidade por ele estudada teve o seu cronista ou os seus cronistas. É que os cronistas, como verdadeiros retratistas da vida cotidiana, embora ofereçam retratos construídos literariamente, oferecem ao historiador um rico material de consulta com vistas à apreensão, no tempo presente, de um passado que foi presente à época dos cronistas.